



Tema I: O crescimento económico do Norte e das sub-regiões em 2020

Tema II: O desempenho económico e financeiro das empresas do Norte em 2020

Índice

Resumos	3
Tema I: O crescimento económico do Norte e das suas sub-regiões em 2020	4
Introdução	4
1. Crescimento económico.....	5
2. Emprego	6
3. Convergência e divergência económica.....	6
Conclusões.....	8
Tema II: O desempenho económico e financeiro das empresas do Norte em 2020	9
Introdução	9
1. O desempenho económico e financeiro das empresas do Norte no contexto nacional	10
2. Indicadores económicos e financeiros das empresas por ramos de atividade económica	12
Conclusões.....	14

Resumos

O crescimento económico do Norte e das sub-regiões em 2020

O PIB do Norte diminuiu, em termos reais, 7,0% em 2020, a maior queda desde que existem registos. No entanto, a diminuição do PIB da Região foi inferior à de Portugal (-8,4%) e à da maioria das NUTS II nacionais. Apenas a região do Centro (-5,9%) teve um decréscimo menos acentuado. Em termos de convergência económica, o PIB por habitante do Norte aumentou de 85,3% para 86,9% face à média nacional entre 2019 e 2020, sendo que este crescimento resultou da recessão económica do Norte ter sido menor do que a nacional. Ao mesmo tempo, o PIB por habitante do Norte, avaliado em paridades do poder de compra, baixou de 67,0% para 66,4% em relação à média da União Europeia (UE27) entre 2019 e 2020.

O desempenho económico e financeiro das empresas do Norte em 2020

A evolução que terá sido a mais surpreendente em contexto de crise pandémica prende-se com o investimento empresarial na Região. Em 2020, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) das empresas do Norte observou uma redução de 0,2%, em evidente contraste com a diminuição de 8,8% observada em Portugal como um todo. Ao mesmo tempo, os capitais próprios das empresas do Norte aumentaram, em média, 8,4% em 2020, enquanto o passivo diminuiu 1,1%. Em Portugal observaram-se evoluções idênticas à da Região nestes indicadores, pese embora com valores percentuais ligeiramente diferentes: os capitais próprios aumentaram 5,5% e o passivo diminuiu 2,3%. Por seu turno, em forte queda, o resultado líquido do exercício das empresas do Norte diminuiu 23,7% em 2020, enquanto em Portugal a redução situou-se em 30,5%.

Tema I: O crescimento económico do Norte e das suas sub-regiões em 2020

Introdução

A crise pandémica de 2020 provocou um impacto significativo na atividade económica em todo o mundo, obrigando os diferentes países, inclusive, Portugal a medidas drásticas, como foram os casos dos estados de emergência decretados ao longo desse ano. Essas medidas restritivas impediram parcial ou totalmente, o contacto social, gerando efeitos negativos na procura e oferta da economia.

A proibição de aglomerados de pessoas, de restrições nos horários de abertura dos estabelecimentos comerciais e a obrigação do distanciamento social gerou uma redução significativa na despesa de bens e serviços por parte das famílias portuguesas nos locais habituais, que não foi compensada por novas formas de distribuição *on-line*, pese embora o crescimento observado neste modo de distribuição. Consequentemente, o consumo privado registou uma redução acentuada em 2020, contribuindo para uma diminuição significativa da procura agregada da economia. Devido a esta contração, as empresas que continuaram a operar, mesmo em contexto de fortes restrições laborais, registaram uma diminuição da atividade, ajustando a produção à redução das encomendas.

Ao mesmo tempo, apesar de alguns setores continuarem com uma procura elevada, em virtude das novas oportunidades induzidas pela crise pandémica, algumas empresas não utilizaram toda a capacidade de oferta disponível devido às restrições ao contacto impostas dentro das instalações.

Estas quebras da oferta e da procura tiveram um impacto que ultrapassou a dimensão local, assumindo uma escala internacional. Observaram-se sucessivos episódios de interrupção das cadeias de valor internacionais, com efeitos na redução das exportações e importações de todo o tipo de bens (bens de consumo, bens de capital e bens intermédios).

Neste quadro macroeconómico, importa neste artigo medir o efeito destas restrições no crescimento económico do Norte e das suas sub-regiões, aproveitando o facto da informação das Contas

Regionais relativamente ao ano de 2020 terem sido divulgadas em meados de dezembro de 2021.

Uma vez que a natureza da crise pandémica de 2020 promoveu impactos diferenciados ao nível dos setores de atividade económica, das pessoas e dos territórios, este artigo analisa, também, a evolução do PIB em cada uma das sub-regiões do Norte em 2020.

O Norte é composto por diferentes sub-regiões do ponto de vista económico, populacional e de dinamismo nos mercados externos, de modo que observa-se diferenças significativas na evolução do PIB. Como se verá no capítulo seguinte, todas as sub-regiões do Norte registaram uma quebra do PIB em 2020, de forma que a crise pandémica provocou recessões económicas na generalidade das NUTS III do Norte.

A amplitude das recessões não foi igual em cada uma das sub-regiões em resultado de fatores como a estrutura económica, a competitividade das empresas, a eficiência da despesa pública, entre outros. No entanto, importa salientar que a maior exposição dos territórios à atividade turística e aos serviços mais indiferenciados (como o comércio) foi um elemento determinante para acentuar a queda do PIB. Em sentido oposto, as sub-regiões mais abertas ao exterior, mais industrializadas e menos dependentes do turismo viram o PIB diminuir menos.

Um outro objetivo deste trabalho prende-se com a análise da trajetória de convergência/divergência das sub-regiões em relação ao nível de desenvolvimento do Norte, de Portugal e da União Europeia em 2020. Algumas sub-regiões do Norte registaram uma convergência económica em 2020, aproximando-se do nível de desenvolvimento das escalas territoriais referidas anteriormente. No entanto, esta convergência, meramente relativa, não implicou um aumento do bem-estar das populações, porque foi obtida num contexto de profunda recessão económica. As sub-regiões que convergiram foram, regra geral, as que registaram crises económicas de menor dimensão.

Este artigo é composto por quatro pontos: o primeiro analisa o crescimento económico do Norte, o segundo estuda a evolução do emprego do Norte, o terceiro examina o processo de convergência do Norte e o último tem uma síntese das principais conclusões.

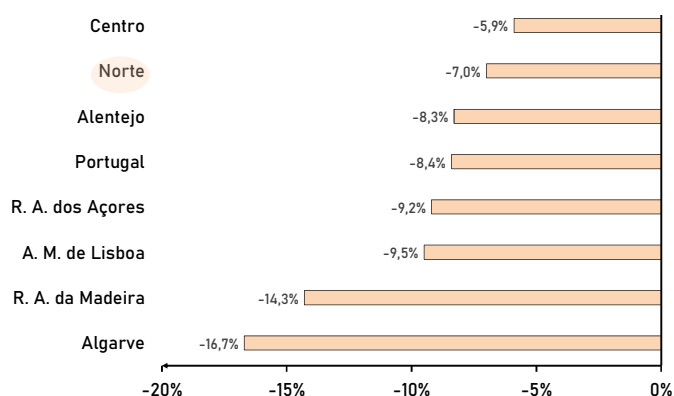
1. Crescimento económico

Ainda que seja um valor provisório, o Produto Interno Bruto (PIB) do Norte terá diminuído, em termos reais, 7,0% em 2020, a maior queda desde que existem registos nas Contas Regionais. A diminuição do PIB do Norte terá sido inferior à de Portugal e à da maioria das NUTS II nacionais. Apenas a região do Centro, comparável do ponto de vista da estrutura económica e do grau de abertura ao exterior com a realidade do Norte, terá observado uma recessão económica inferior, com o PIB a diminuir, em termos reais, 5,9% em 2020.

Em Portugal o PIB caiu, em termos reais, 8,4% em 2020, sendo que as reduções mais acentuadas terão ocorrido nas regiões com maior atividade turística e menor peso das indústrias transformadoras. A redução no PIB do Algarve terá sido de 16,7%, que compara com diminuições, de igual modo significativas, na Região Autónoma da Madeira (-14,3%), na Área Metropolitana de Lisboa (-9,5%), na Região Autónoma dos Açores (-9,2%) e no Alentejo (-8,3%).

Ao nível das sub-regiões do Norte registaram-se diferenças na evolução do PIB em 2020. As diminuições mais expressivas terão ocorrido no Douro (-8,1%), Área Metropolitana do Porto (-7,9%) e Alto Tâmega (-7,2%), em todos os casos com reduções superiores à da média do Norte. Estes três casos revelam que as recessões económicas mais acentuadas terão sido observadas em sub-regiões bastante diferentes do ponto de vista do desenvolvimento económico, mas que têm em comum

Figura 1 – Produto Interno Bruto, por NUTS II (variação % em termos reais, em 2020)



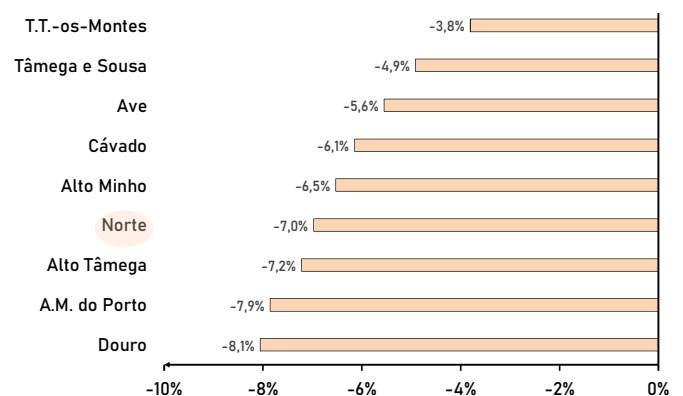
o facto de serem economias menos industrializadas e abertas ao exterior, como é o caso do Douro e do Alto Tâmega, ou terem uma forte presença de serviços indiferenciados (comércio, restauração e hotelaria), como no caso da Área Metropolitana do Porto.

Pelo contrário, as reduções menos acentuadas do PIB terão ocorrido, regra geral, em sub-regiões mais abertas ao exterior, especializadas na atividade industrial e com menor presença do setor do turismo. A redução do PIB no Tâmega e Sousa terá sido, em termos reais, de 4,9% em 2020, que compara com quedas de 5,6% no Ave, 6,1% no Cávado e 6,5% no Alto Minho.

Não integrada neste grupo mais industrializado, a sub-região de Terras de Trás-os-Montes terá registado, no entanto, a menor redução do PIB (-3,8%) entre as sub-regiões do Norte em 2020. Neste caso particular, a resiliência deste território poderá estar associada, em parte, a um elevado peso da atividade económica em serviços públicos e na produção de bens de mérito (educação, saúde e apoio social), os quais continuaram a ter uma forte procura em contexto de crise pandémica.

Para além deste fator estrutural, existem outros não observáveis pelas estatísticas que podem explicar as diferenças do crescimento económico, como a qualidade da gestão, a eficiência das empresas e da despesa pública, entre outros. Neste âmbito, verifica-se que apesar da estrutura económica de Terras de Trás-os-Montes não ser muito diferente da que caracteriza o Douro, a crise pandémica atingiu estas duas sub-regiões de forma assimétrica.

Figura 2 – Produto Interno Bruto, por NUTS III do Norte (variação % em termos reais, em 2020)

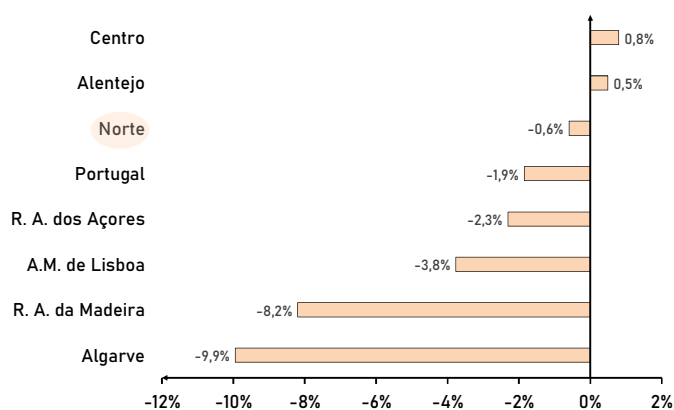


2. Emprego

Não obstante a aplicação de medidas de apoio, como o *lay-off* simplificado e outros instrumentos ter sido generalizada a todo o território nacional, a crise pandémica de 2020 atingiu as regiões NUTS II de Portugal de forma diferenciada, provocando uma evolução assimétrica do emprego.

O emprego do Norte diminuiu 0,6% em 2020, enquanto em Portugal a redução foi de 1,9%. Em termos comparativos, apenas as regiões do Centro e do Alentejo tiveram uma evolução favorável. No primeiro caso citado, o emprego aumentou 0,8% e no segundo o crescimento foi de 0,5%. Nas restantes NUTS II de Portugal, as diminuições do emprego foram superiores à do Norte. A redução mais acentuada ocorreu no Algarve, com o emprego a diminuir 9,9% em 2020, seguindo-se as quedas na Região Autónoma da Madeira (-8,2%), na Área Metropolitana de Lisboa (-3,8%) e na Região Autónoma dos Açores (-2,3%).

Figura 3 – Emprego, por NUTS II (Variação % em 2020)



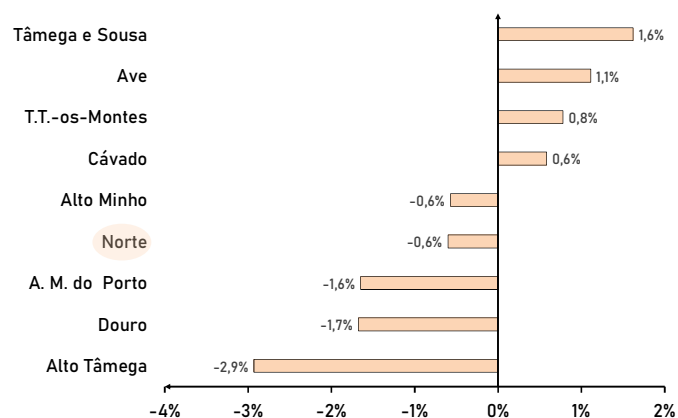
3. Convergência e divergência económica

As dinâmicas de convergência e divergência no nível de desenvolvimento relativo das regiões, em 2020, ocorreram num contexto marcado por recessões económicas profundas em Portugal e na generalidade dos países europeus. Por isso mesmo, os países e as regiões que convergiram, em termos de produto interno bruto por habitante, foram as que, regra geral, registaram recessões económicas de menor dimensão, não obstante as dinâmicas populacionais

A evolução do emprego entre as sub-regiões do Norte foi significativamente diferente em 2020, observando-se alguns casos de crescimento e outros de redução. Pela positiva, apesar do forte impacto da crise pandémica na atividade económica, o emprego aumentou, sobretudo, nas sub-regiões mais industrializadas e abertas ao exterior. O crescimento mais significativo em 2020 ocorreu na sub-região do Tâmega e Sousa (+1,6%), seguindo-se as sub-regiões do Ave (+1,1%), Terras de Trás-os-Montes (+0,8%) e Cávado (+0,6%).

No sentido oposto às anteriores, as sub-regiões com reduções do emprego, em 2020, foram o Alto Tâmega (-2,9%), o Douro (-1,7%), a Área Metropolitana do Porto (-1,6%) e o Alto Minho (-0,6%). De salientar que as diminuições do emprego ocorreram tanto em territórios de elevada densidade populacional (como é o caso da Área Metropolitana do Porto), como em territórios de baixa densidade (como são os caso do Alto Tâmega, Douro e parte do território do Alto Minho).

Figura 4 – Emprego, por NUTS III do Norte (Variação % em 2020)



terem contribuído, também, para o processo de convergência ou divergência económica em 2020.

O produto interno bruto por habitante do Norte, em percentagem do valor nacional, aumentou de 85,3% para 86,9% entre 2019 e 2020, traduzindo-se na convergência de 1,6 pontos percentuais (p.p.). No entanto, como salientado anteriormente, a convergência do nível de desenvolvimento da Região com o de Portugal resultou, essencialmente, da recessão económica do Norte ter sido inferior à nacional, num quadro em que não existiram

evoluções populacionais marcadamente diferentes nos dois territórios em 2020.

Consequentemente, em termos relativos, apesar de o PIB por habitante do Norte ter convergido com o nacional entre 2019 e 2020, em valor absoluto diminuiu 4,9% o que se traduziu na perda efetiva de bem-estar para a população. Em Portugal, a redução de bem-estar ainda foi maior, uma vez que o PIB por habitante diminuiu 6,8% durante o mesmo período.

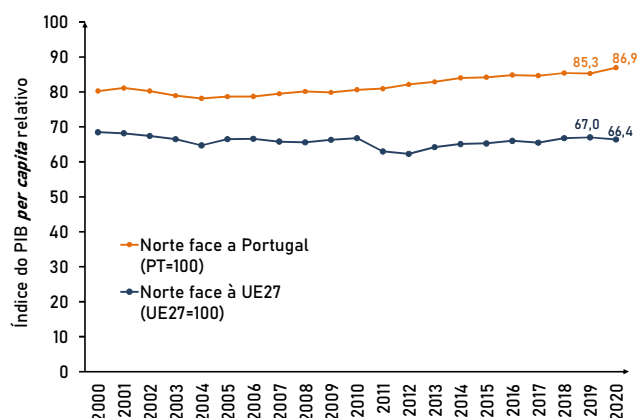
Na comparação com o desenvolvimento económico da União Europeia (UE27), o ano de 2020 marcou a inversão da tendência de convergência que se vinha a observar em Portugal e no Norte entre 2017 e 2019 e que tinha sido alicerçada numa dinâmica de crescimento económico.

Contrariamente a essa trajetória, e num quadro de uma acentuada recessão económica nas regiões de Portugal e da União Europeia, o PIB por habitante nacional, avaliado em paridades do poder de compra, divergiu de 78,6% para 76,4% do da UE27 entre 2019 e 2020. No Norte, o mesmo indicador baixou de 67,0% para 66,4% da média da UE27.

Efetuando-se um balanço de longo prazo, o nível de desenvolvimento relativo de Portugal e do Norte divergiu com o da União Europeia entre 2000 e 2020. Nesse primeiro ano, o PIB por habitante de Portugal, avaliado em paridades do poder de compra, era 85,3% do da UE27 e o do Norte era de 68,5%.

A dinâmica de convergência/divergência das sub-regiões do Norte, em 2020, foi determinada pela intensidade da recessão económica de cada NUTS III e, em menor escala, pela evolução demográfica.

Figura 5 – PIB *per capita* do Norte relativamente ao de Portugal e ao da União Europeia



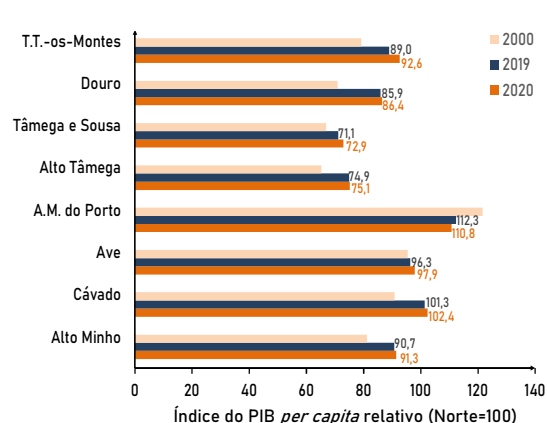
Nota: O PIB *per capita* do Norte relativamente ao da UE27 está avaliado em paridades do poder de compra.

Em 2020, apenas a Área Metropolitana do Porto divergiu, com o PIB por habitante a diminuir de 112,3% para 110,8% do da média da Região entre 2019 e 2020. Neste caso, a redução relativa do PIB por habitante resultou, essencialmente, da recessão económica da Área Metropolitana do Porto ter sido superior à do Norte, sendo que a evolução populacional nesta sub-região teve um efeito reduzido no PIB por habitante.

As outras sub-regiões convergiram com a média do Norte, independentemente de terem registado recessões económicas maiores ou inferiores à da Região em 2020. No grupo das sub-regiões com recessões económicas superiores à do Norte, o Douro e o Alto Tâmega convergiram em termos de PIB por habitante com a média da Região, porque registaram uma diminuição da população significativamente superior à do Norte. Consequentemente, o PIB por habitante do Douro aumentou de 85,9% para 86,4% do da média da Região entre 2019 e 2020. O Alto Tâmega viu o mesmo indicador aumentar ligeiramente de 74,9% para 75,1% durante esse período.

As restantes sub-regiões que convergiram com o Norte tiveram uma recessão económica inferior à da Região, de modo que a evolução da população não foi fulcral na convergência. Em destaque, o PIB por habitante de Terras de Trás-os-Montes aumentou de 89,0% para 92,6% do da média do Norte, tendo sido a maior convergência (3,7 p.p.), seguindo-se as convergências do Tâmega e Sousa (1,8 p.p.), Ave (1,6 p.p.), Cávado (1,1 p.p.) e Alto Minho (0,6 p.p.).

Figura 6 – PIB *per capita* das NUTS III relativamente ao do Norte



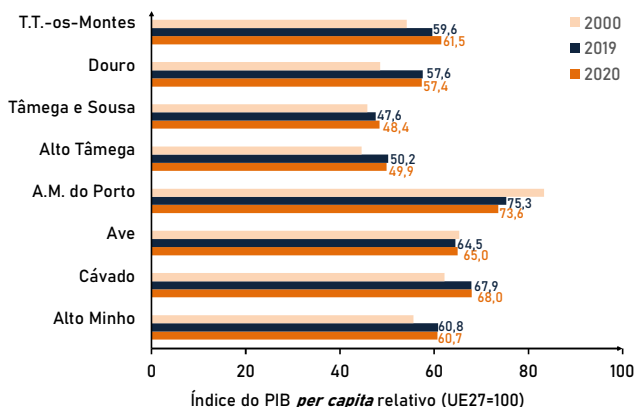
Em 2020, quatro sub-regiões do Norte viram o PIB por habitante, avaliado em paridades do poder de compra, convergir com o da média da União Europeia (UE27), designadamente, Terras de Trás-os-Montes, Tâmega e Sousa, Ave e Cávado.

A sub-região de Terras de Trás-os-Montes registou a maior convergência económica com a UE27, com o PIB por habitante, avaliado em paridades do poder de compra, a aumentar de 59,6% para 61,5% do da UE27, o que se traduziu numa aproximação de 1,9 p.p., seguindo-se a convergência do Tâmega e Sousa (+0,8 p.p.), Ave (+0,5 p.p.) e Cávado (+0,1 p.p.)

No outro lado do espetro, as restantes sub-regiões observaram uma divergência económica. A mais acentuada foi registada na Área Metropolitana do Porto, com o PIB por habitante, avaliado em paridades do poder de compra, a diminuir de 75,3% para 73,6% do da UE27, significando uma divergência económica de -1,7 p.p. Em termos de grandeza na divergência com a UE27 seguiram-se as sub-regiões do Alto Tâmega (-0,3 p.p.), Douro (-0,2 p.p.) e Alto Minho (-0,1 p.p.).

O resultado mais elucidativo da forma como o ano 2020 marcou o desenvolvimento económico das sub-regiões do Norte no contexto europeu prende-se com o facto de não existir uma única NUTS III da Região com um PIB por habitante, avaliado em paridades do poder de compra, superior a 75% do da média da UE27. Isto significa que, de acordo com a classificação das regiões quanto ao seu nível de desenvolvimento, todas as NUTS III do Norte são regiões menos desenvolvidas e que, por essa razão, ainda apresentam debilidades estruturais significativas no contexto europeu.

Figura 7 – PIB *per capita*, avaliado em p.p.c, das NUTS III do Norte relativamente à UE27



Conclusões

O PIB do Norte diminuiu, em termos reais, 7,0% em 2020, a maior queda desde que existem registos nas Contas Regionais. No entanto, a diminuição do PIB da Região foi inferior à de Portugal (-8,4%) e à da maioria das NUTS II nacionais, sendo que apenas a região do Centro observou uma recessão económica menos profunda do que a do Norte.

Ao nível das sub-regiões do Norte registaram-se diferenças na evolução do PIB em 2020. As diminuições mais acentuadas foram no Douro, Área Metropolitana do Porto e Alto Tâmega. As menos significativas ocorreram em Terras de Trás-os-Montes, Tâmega e Sousa, Ave, Cávado e Alto Minho.

O emprego no Norte diminuiu 0,6% em 2020, enquanto em Portugal a redução foi de 1,9%, sendo que entre as sub-regiões do Norte a evolução foi significativamente diferente. Os aumentos do emprego foram observados nas sub-regiões do Tâmega e Sousa, Ave, Terras de Trás-os-Montes e Cávado. Num sentido oposto, as sub-regiões com reduções do emprego foram o Alto Tâmega, o Douro, a Área Metropolitana do Porto e o Alto Minho.

A análise da dinâmica de convergência/divergência económica mostrou que o PIB por habitante do Norte, em percentagem do valor nacional, aumentou de 85,3% para 86,9% entre 2019 e 2020, traduzindo-se na convergência de 1,6 p.p. No entanto, a convergência resultou da recessão económica do Norte ter sido inferior à nacional.

No contexto regional, apenas a Área Metropolitana do Porto divergiu com o nível de desenvolvimento do Norte. As outras sub-regiões convergiram com a média do Norte, sendo que a convergência do Douro e do Alto Tâmega deveu-se, exclusivamente, à diminuição da população residente.

No contexto europeu, o PIB por habitante do Norte, avaliado em paridades do poder de compra, divergiu de 67,0% para 66,4% da média da UE27 entre 2019 e 2020. Após a crise pandémica de 2020, e com a divergência acentuada da Área Metropolitana do Porto, todas as sub-regiões do Norte têm um PIB por habitante, avaliado em paridades do poder de compra, inferior a 75% da média da UE27.

Tema II: O desempenho económico e financeiro das empresas do Norte em 2020

Introdução

Num quadro em que a economia do Norte sofreu a maior recessão económica desde que há registos, com o Produto Interno Bruto (PIB) a diminuir 7,0% em termos reais, o principal objetivo deste artigo consiste em analisar o modo como o desempenho das empresas do Norte foi afetado pela crise pandémica de 2020, comparando-se a evolução da Região com o total nacional.

Nas recessões económicas anteriores, as empresas com sede no Norte mostraram-se mais resilientes em contexto de crise. Isto significou que o desempenho económico e financeiro das empresas da Região em vários indicadores foi melhor do que o registado em Portugal. Neste quadro, importa perceber se as empresas do Norte voltaram a ter um melhor desempenho económico e financeiro em contexto de crise pandémica no ano de 2020.

Com base no Sistema de Contas Integradas das Empresas do INE, os indicadores utilizados para aferir o desempenho económico e financeiro das empresas do Norte são de diversa ordem, incluindo o número de empresas, a criação de riqueza, o investimento, os níveis de capitais próprios, entre outros. Neste contexto metodológico, este trabalho vai dar uma especial atenção à evolução dos últimos três indicadores referidos pelas razões a seguir enunciadas.

Em primeiro lugar, as empresas têm um papel fundamental nas economias modernas e dinâmicas, de forma que medir o impacto da crise pandémica na criação de riqueza das empresas é importante para se avaliar o grau de resiliência da economia regional. De facto, as empresas do Norte estão incluídas em ramos de atividade económica mais abertos ao exterior e menos dependentes do turismo, de modo que a atividade das empresas da Região e a respetiva criação de valor terão sido menos afetados pela crise pandémica, uma matéria que será aferida ao longo deste artigo.

Em segundo lugar, o investimento das empresas tende a ser pró-cíclico, uma vez que num cenário de elevada incerteza, os agentes económicos aumentam

a sua aversão ao risco, porque antecipam retornos económicos inferiores aos custos. Neste quadro, avaliar o impacto que a crise pandémica teve no investimento realizado pelas empresas do Norte no contexto nacional é uma forma de perceber a confiança que os agentes económicos tiveram na economia durante a crise pandémica.

Em terceiro lugar, a crise pandémica provocou uma redução muito significativa no volume de negócios das empresas do Norte, sendo importante perceber como essa evolução afetou os níveis de capitais próprios das empresas e o seu equilíbrio financeiro. Neste quadro, avalia-se em que ramos de atividade económica do Norte as empresas estão mais descapitalizadas e em quais se observou, pelo contrário, um reforço dos capitais próprios. Esta temática é importante porque a capitalização define, em parte, a evolução futura do investimento realizado pelas empresas.

A outra dimensão deste estudo diz respeito ao impacto da crise pandémica por ramos de atividade económica. Desde logo, esta crise afetou, sobretudo, o turismo e o comércio internacional em 2020, sendo importante avaliar o desempenho económico e financeiro das empresas dos ramos mais expostos a essas atividades. Perceber como evoluiu a criação de riqueza, o investimento e os níveis de capitais próprios das empresas em cada ramo de atividade económica, permitirá medir os impactos da crise pandémica e os diferentes graus de resiliência setorial, informação útil para a definição de políticas públicas de apoio ao investimento e ao emprego.

De facto, alguns ramos de atividade económica registaram uma queda muito significativa na criação de riqueza e no investimento que foi acompanhada pela deterioração dos capitais próprios. Para as empresas destes ramos impõem-se medidas integradas que garantam a sobrevivência e a competitividade.

Por fim, este artigo é composto por três pontos diferentes: o primeiro compara o desempenho económico e financeiro das empresas do Norte no contexto nacional em 2020, enfatizando-se a evolução durante a crise pandémica, o segundo analisa o desempenho económico e financeiro das empresas do Norte por ramo de atividade e o terceiro capítulo tem uma síntese das principais conclusões.

1. O desempenho económico e financeiro das empresas do Norte no contexto nacional

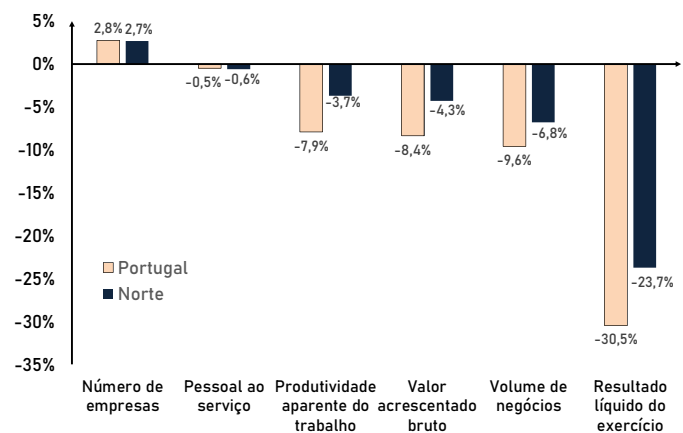
O desempenho económico das empresas do Norte terá superado as expectativas em contexto de crise pandémica. O número de empresas da Região aumentou para 458.011 em 2020, mais 2,7% do que em 2019. A nível nacional, a dinâmica também foi positiva, com o número a aumentar 2,8% durante o mesmo período.

Não obstante a crise económica de 2020 ter sido a mais acentuada do ponto de vista histórico, o pessoal ao serviço das empresas do Norte, apenas, diminuiu 0,6% em 2020, uma queda ligeiramente superior à de Portugal (0,5%). Esta redução diminuta justifica-se, essencialmente, pela intervenção pública através de medidas como o *lay-off simplificado*, as moratórias e os apoios comunitários ao investimento e ao emprego.

Com reduções mais acentuadas nos indicadores económicos, a produtividade aparente do trabalho das empresas do Norte diminuiu 3,7% em 2020, tendo sido, no entanto, uma redução significativamente inferior à nacional (-7,9%). A evolução menos negativa deste indicador na Região, em 2020, resultou de um menor impacto da crise pandémica na redução da riqueza criada por parte das empresas do Norte, o que terá levado a uma menor queda nos indicadores de produtividade num contexto em que o emprego manteve-se praticamente constante. Em concreto, no indicador de riqueza criada, o Valor Acrescentado Bruto (VAB) a custos de fatores das empresas da Região diminuiu 4,3% em 2020, enquanto em Portugal a queda foi quase o dobro (8,4%).

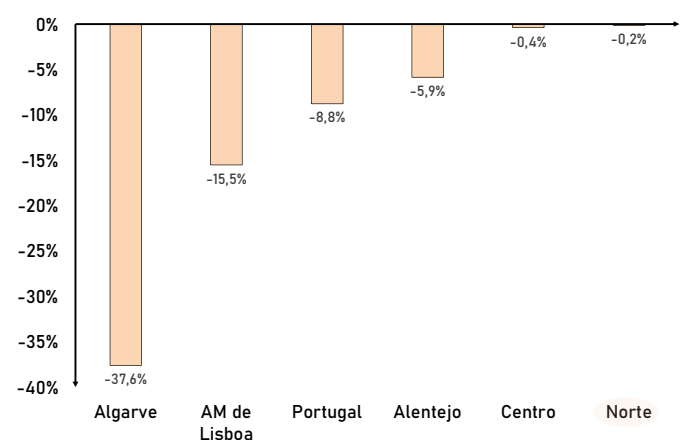
A maior resiliência das empresas do Norte na criação de riqueza em contexto de crise pandémica terá resultado de uma menor redução na faturação. Em 2020, o volume de negócios das empresas do Norte diminuiu 6,8%, enquanto em Portugal a redução foi de 9,6%. Consequentemente, os resultados económicos das contas das empresas do Norte registaram uma diminuição inferior à nacional, mas bastante significativa, indicativo de que a crise pandémica afetou de forma acentuada os lucros em todo o território. O resultado líquido do exercício das empresas do Norte diminuiu 23,7% em 2020, enquanto em Portugal a redução situou-se em 30,5%.

Figura 1 – Indicadores económicos (variação % em 2020)



A evolução que terá sido a mais surpreendente em contexto de crise pandémica prende-se com o investimento empresarial na Região. Em 2020, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) das empresas do Norte observou uma redução de 0,2%, em evidente contraste com a diminuição de 8,8% observada em Portugal. Em termos comparativos, a redução da FBCF das empresas do Norte foi a menor entre as NUTS II do Continente, sendo seguida pela queda observada no Centro (-0,4%). No outro extremo, as reduções mais acentuadas na FBCF das empresas ocorreram na Área Metropolitana de Lisboa (-15,5%) e no Algarve (-37,6%).

Figura 2 – Formação Bruta de Capital Fixo das empresas (variação % em 2020)



Os indicadores financeiros das empresas do Norte e de Portugal tiveram, regra geral, uma evolução positiva em contexto de crise pandémica, de modo que o mau desempenho económico não terá afetado o

equilíbrio financeiro. De facto, os capitais próprios de cada empresa do Norte aumentaram, em média, 8,4% em 2020, enquanto o passivo diminuiu 1,1%. Em Portugal observaram-se evoluções idênticas à da Região nestes indicadores, pese embora com valores percentuais ligeiramente diferentes: os capitais próprios aumentaram 5,5% e o passivo diminuiu 2,3%.

Em resultado da evolução dos capitais próprios e do passivo, a crise pandémica não originou uma dinâmica de descapitalização nem um crescimento do endividamento nas empresas do Norte e de Portugal. Pelo contrário, as empresas do Norte têm mais capitais do que no período anterior à crise pandémica. Desde logo, o indicador de autonomia financeira das

empresas do Norte (rácio entre os capitais próprios e o ativo) aumentou de 41,6% para 43,8% entre 2019 e 2020, sendo que em Portugal cresceu de 37,3% para 39,1% durante o mesmo período.

A crise pandémica de 2020 afetou, contudo, os indicadores de rentabilidade das empresas em resultado de uma diminuição da faturação que não foi acompanhada pela redução dos custos das empresas. Entre 2019 e 2020, a rentabilidade dos capitais próprios das empresas (rácio entre o resultado líquido do exercício e os capitais próprios) do Norte diminuiu de 11,4% para 7,8%. Em Portugal, a redução foi de 10,3% para 6,6%.

Figura 3 – Ativo, passivo e capitais próprios das empresas (variação % em 2020)

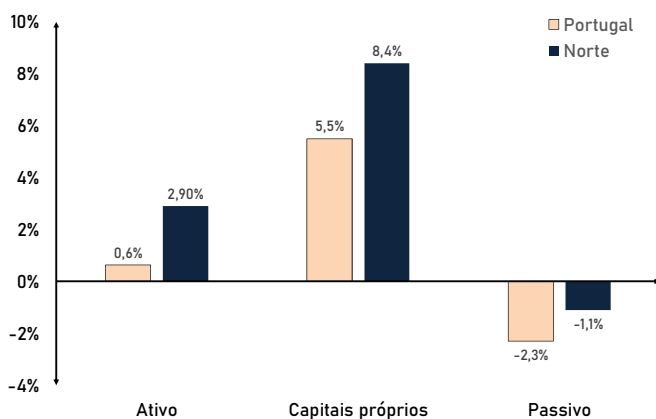
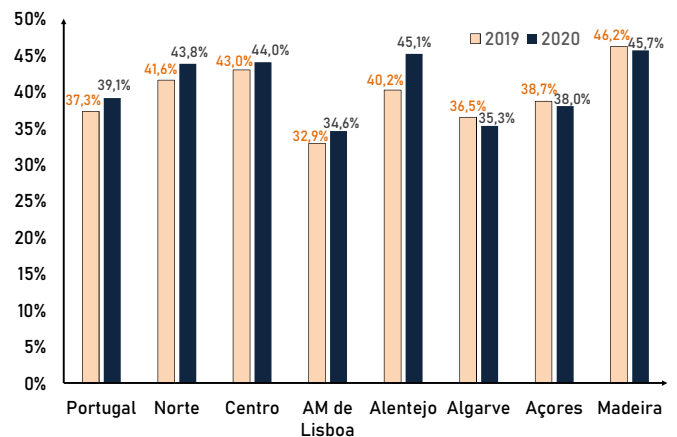


Figura 4 – Rácio de autonomia financeira



Quadro 1 – Indicadores das empresas do Norte | taxa de variação anual, exceto quando referido

	Ano							
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Norte								
Número de empresas	7,4	3,3	2,6	2,2	3,1	3,1	3,5	2,7
Pessoal ao serviço nas empresas	1,3	2,7	3,7	3,5	4,0	4,3	3,6	-0,6
Produtividade aparente do trabalho	2,4	2,3	2,3	2,9	4,6	2,4	2,9	-3,7
Valor acrescentado bruto	3,8	5,0	6,0	6,6	8,8	6,8	6,5	-4,3
Resultado líquido do exercício	132,6	124,3	-16,1	26,8	22,7	13,8	-2,7	-23,7
Volume de negócios	-0,6	3,2	4,3	4,4	8,8	5,0	4,0	-6,8
Formação bruta de capital fixo	6,4	10,1	12,8	11,3	21,6	15,6	1,9	-0,2
Ativo	-7,1	2,2	-2,1	-1,0	-0,2	1,5	3,3	2,9
Passivo	-8,6	1,7	-6,7	-2,9	-2,2	0,7	3,1	-1,1
Capital próprio	-4,1	3,1	6,2	2,0	2,9	2,5	3,6	8,4
Rácio de autonomia financeira (%)	35,3	35,6	38,6	39,8	41,0	41,4	41,6	43,8
Rendibilidade do capital próprio (%)	5,1	10,8	8,3	10,1	11,7	12,5	11,4	7,8

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

2. Indicadores económicos e financeiros das empresas por ramos de atividade económica

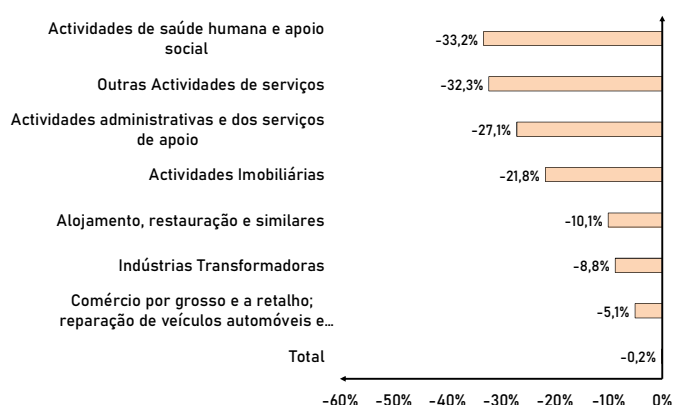
A crise pandémica de 2020 afetou de forma assimétrica o desempenho económico e financeiro das empresas por ramos de atividade. Nos indicadores de criação de riqueza, as reduções mais significativas no VAB empresarial, em 2020, foram observadas nos ramos da fileira do turismo e da cultura e desporto, em resultado das medidas de confinamento obrigatório.

O VAB das empresas do ramo composto pelas atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas registou uma redução de 43,7% em 2020, a maior queda entre os ramos de atividade do Norte, seguindo-se as reduções no alojamento, restauração e similares (-31,1%), eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio (-17,8%) e atividades administrativas e dos serviços de apoio (-14,8%).

Com uma evolução em sentido oposto, alguns ramos de atividade do Norte tiveram aumentos na criação de riqueza. Em destaque, os maiores ocorreram nas indústrias extrativas (+10,7%), nas atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares (+10,2%), na captação, tratamento e distribuição de água; saneamento gestão de resíduos e despoluição (+7,5%) e no ramo da construção (+5,4%).

Por seu turno, os ramos de atividade com mais pessoas ao serviço nas empresas registaram uma diminuição do VAB em 2020. Nas indústrias transformadoras a queda foi de 4,1%, enquanto no comércio por grosso e a retalho; reparação de

Figura 5 – Formação Bruta de Capital Fixo das empresas por ramos de atividade económica do Norte (variação % em 2020) - I



veículos automóveis e motociclos a diminuição situou-se em 0,9%.

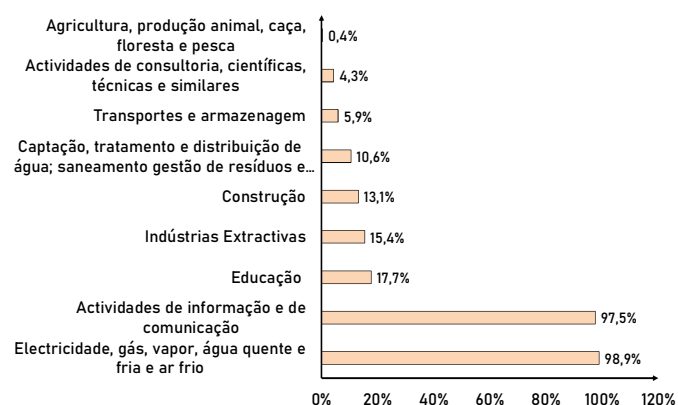
A evolução da FBCF das empresas em contexto de crise pandémica também foi significativamente diferente entre os ramos de atividade económica. Em termos agregados, como mencionado anteriormente, a FBCF das empresas do Norte baixou 0,2% em 2020, sendo que as diminuições mais expressivas ocorreram em ramos do setor dos serviços.

Desde logo, a FBCF com a maior redução percentual ocorreu nas atividades de saúde humana e apoio social (-33,2%), seguindo-se as outras atividades de serviços, incluindo trabalho doméstico (-32,3%), as atividades administrativas e dos serviços de apoio (-27,1%), as atividades imobiliárias (-21,8%), o alojamento, restauração e similares (-10,1%) e as indústrias transformadoras (-8,8%).

Em sentido oposto, outros ramos de atividade registaram um crescimento na FBCF. Os maiores aumentos ocorreram no ramo da eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio (+98,9%), atividades de informação e comunicação (+97,5%), educação (+17,7%), indústrias extrativas (+15,4%) e construção (+13,1%).

No cômputo geral, os setores da energia e as atividades de informação e comunicação foram as grandes impulsionadoras da FBCF das empresas do Norte. Este forte crescimento deverá estar associado ao processo de transição digital da economia do Norte durante o ano de 2020.

Figura 6 – Formação Bruta de Capital Fixo das empresas por ramos de atividade económica do Norte (variação % em 2020) - II



Como mencionado anteriormente, o rácio de autonomia financeira para o total das empresas do Norte aumentou de 41,6% para 43,8% entre 2019 e 2020. No entanto, uma leitura mais fina permitiu verificar que os ramos de atividade mais afetados pela crise pandémica em 2020 observaram uma redução neste indicador.

O rácio de autonomia financeira das empresas das atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas diminuiu de 21,3% para 15,9% entre 2019 e 2020. No mesmo sentido, mas com uma amplitude menor, o ramo do alojamento, restauração e similares viu o indicador baixar de 32,5% para 29,7% durante o mesmo período.

Os outros dois ramos com uma evolução negativa no rácio de autonomia financeira foram as outras atividades de serviços (incluindo trabalho doméstico) e as atividades administrativas e dos serviços de apoio. No primeiro caso, o indicador diminuiu de 54,0% para 51,3% entre 2019 e 2020, enquanto no segundo a queda foi de 35,6% para 33,4%.

Numa dinâmica de crescimento, alguns ramos observaram um aumento significativo no rácio de autonomia financeira. Analisando-se os acréscimos mais acentuados, o indicador no ramo dos transportes e armazenagem aumentou de 9,6% para 29,2% entre 2019 e 2020, seguindo-se o ramo da eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio com um crescimento de 25,6% para 40,2% durante o mesmo período.

Nos principais ramos de atividade económica também observaram-se aumentos na autonomia financeira das empresas, pese embora a um ritmo mais

moderado. Nas indústrias transformadoras, o valor aumentou de 44,5% para 45,4% entre 2019 e 2020, enquanto no comércio por grosso e a retalho reparação de veículos automóveis e motociclos, o crescimento foi de 38,0% para 39,1%. No ramo da construção o aumento foi de 29,0% para 31,0%.

Importa notar como ressalva que estes valores da autonomia financeira dizem respeito ao valor médio por cada ramo de atividade, escondendo evoluções assimétricas nos capitais próprios de cada empresa. Algumas empresas, em cada setor de atividade, registaram uma deterioração nos níveis de capitais próprios, enquanto outras mais dinâmicas registaram um crescimento.

No entanto, em média, as empresas na maioria dos ramos de atividade económica do Norte registaram um aumento nos capitais próprios que foi superior ao crescimento do passivo, o que permitiu melhorar o equilíbrio financeiro das empresas em contexto de crise, sobretudo, nos setores mais dinâmicos da economia do Norte. Este resultado surpreendente poderá ser explicado pelo elevado grau de assimetria da crise pandémica, a qual afetou sobretudo, os ramos da fileira do turismo e dos espetáculos recreativos e desportivos. Nos restantes ramos, a crise pandémica teve um impacto bastante menor e noutros até promoveu um crescimento da atividade, como foi o caso das tecnologias de informação. Neste quadro, como os setores menos afetados e os mais dinâmicos registaram um aumento dos capitais próprios, a evolução média deste indicador para o total da economia do Norte observou um crescimento em contexto de crise pandémica.

Figura 7 – Rácios de autonomia financeira das empresas do Norte (I)

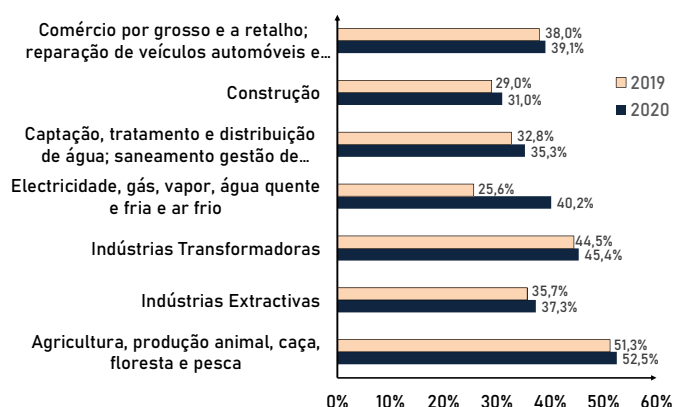
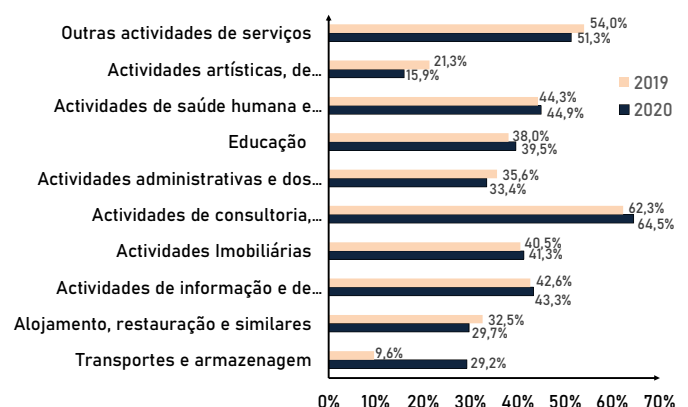


Figura 8 – Rácios de autonomia financeira das empresas do Norte (II)



Quadro 2 – Indicadores das empresas do Norte por ramos de atividade económica | taxa de variação % em 2020, exceto quando referido

	VAB	FBCF	Capital Próprio	AF(%) ¹
Ramos de atividade económica:				
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	6,5	0,4	3,9	52,5
Indústrias Extractivas	10,7	15,4	12,2	37,3
Indústrias Transformadoras	-4,1	-8,8	5,5	45,4
Electricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	-17,8	98,9	118,6	40,2
Captação, tratamento e distribuição de água; (...)	7,5	10,6	11,5	35,3
Construção	5,4	13,1	4,1	31,0
Comércio por grosso e a retalho; (...)	-0,9	-5,1	6,0	39,1
Transportes e armazenagem	-9,1	5,9	194,8	29,2
Alojamento, restauração e similares	-31,1	-10,1	0,3	29,7
Actividades de informação e de comunicação	15,2	97,5	9,7	43,3
Actividades Imobiliárias	-6,9	-21,8	0,6	41,3
Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	10,2	4,3	3,8	64,5
Actividades administrativas e dos serviços de apoio	-14,8	-27,1	-8,8	33,4
Educação	-6,6	17,7	-2,6	39,5
Actividades de saúde humana e apoio social	-15,7	-33,2	0,0	44,9
Actividades artísticas, de espectáculos, desportivas e recreativas	-43,7	20,8	-29,3	15,9
Outras Actividades de serviços	-6,6	-32,3	-1,6	51,3
Total	-4,3	-0,2	8,4	43,8

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

Notas: AF (%)¹- Rácio de Autonomia Financeira das empresas do Norte em 2020

Conclusões

Em 2020, tal como nas recessões económicas anteriores, as empresas com sede no Norte mostraram-se, novamente, mais resilientes em contexto de crise do que a média nacional. Isto significou que o desempenho económico e financeiro das empresas da Região em vários indicadores foi melhor do que o registado em Portugal.

Num dos principais indicadores de competitividade e de dinamismo económico, e elucidativo da maior resiliência do Norte, o valor da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) das empresas da Região em 2020 foi praticamente igual ao de 2019 (apenas baixou 0,2%), em evidente contraste com uma redução acentuada de 8,8% em Portugal. Ao nível regional, as diminuições mais significativas neste indicador

ocorreram nas NUTS II do continente com especialização económica no turismo.

A manutenção de um nível elevado de investimento por parte das empresas do Norte em 2020 – face ao esperado num contexto de profunda crise económica – terá permitido manter a capacidade produtiva e dar resposta aos períodos de retoma que ocorreram após as fases de confinamento obrigatório, o que contribuiu para mitigar o impacto global da crise pandémica nas empresas do Norte. Neste quadro, em resultado dos sucessivos contextos de restritividade social e económica durante a crise pandémica, a riqueza criada pelas empresas do Norte – medida pelo Valor Acrescentado Bruto (VAB) – baixou 4,3% em 2020. Esta redução foi significativamente inferior à observada em Portugal, que viu o VAB das empresas diminuir 8,4%.

A natureza da crise pandémica e a redução da liquidez durante a interrupção parcial da atividade económica poderia ter trazido uma deterioração da solvabilidade das empresas e uma redução dos níveis de capitais próprios. No entanto, os indicadores financeiros das empresas do Norte e de Portugal não registaram uma evolução negativa. Pelo contrário, os capitais próprios das empresas do Norte aumentaram a um ritmo superior ao de Portugal em 2020.

Não obstante a evolução positiva de alguns indicadores financeiros na média da economia do Norte, a crise pandémica provocou uma evolução negativa nos indicadores de riqueza, no investimento e nos capitais próprios das empresas inseridas em atividades económicas mais expostas ao turismo.

NORTE ESTRUTURA**CENTRO DE ESTUDOS DO TERRITÓRIO E DA REGIÃO****Direção de Serviços de Desenvolvimento Regional****Coordenação técnica: Vasco Leite****Equipa técnica: Ana Correia e Josefina Gomes****Contactos: Gabinete de Marketing e Comunicação: gabinete.comunicação@ccdr-n.pt**